

Terrorismo Olímpico: Implicações para o Sistema de Inteligência do Brasil.

Marcelo dos Santos Fernandes Júnior¹
Nicholas Antunes de Andrade²
Pedro Gustavo Marques de Moraes³
Raffaella de Oliveira Gomes da Silva⁴
Thaís de Oliveira Nascimento⁵

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos das medidas antiterror colocadas em prática durante o evento olímpico. Através das experiências de Munique 1972 e Atlanta 1996, faz-se necessário que medidas preventivas para assegurar a integridade dos atletas devem ser tomadas. Como mostraremos, o *modus operandi* do terrorismo atual prevê ações de alto impacto na geração de medo através de seu efeito midiático e com um custo muito baixo, considerações retiradas a luz dos últimos ataques de Paris e Bélgica durante este ano. A teoria norteadora deste trabalho é a Teoria Racional. Nela, é previsto que ao tomar alguma medida, o ator de alguma ação é direcionado pela razão entre custo x benefício. Para estabelecer a relação entre o objeto e a teoria, empregamos a metodologia formal, pois acreditamos que a partir da identificação de um padrão de escolha, podemos assim tomarmos medidas para evitar a repetição deste fenômeno. E por fim, nossas considerações reverberaram os resultados obtidos pela aferição dos dados dispostos. O fenômeno terrorista é direcionado pela teoria em questão, portanto, ao reconhecê-lo padrão, podemos enfim, combatê-lo.

Palavras-Chave: Relações Internacionais, Olimpíadas, Terrorismo, Modelo Formal, Teoria Racional.

INTRODUÇÃO

Ao sediar o maior evento esportivo da humanidade, o Brasil entrará em um seleto grupo de nações que tiveram a honra de participar da história deste evento. Originalmente, as olimpíadas foram um instrumento pensado com a finalidade de propagar a animosidade entre inimigos através do conhecimento do Outro durante suas festividades.

De fato, é um evento voltado para promover a paz. Entretanto, sua história não ficou incólume diante do contexto o qual o evento se transcorria. Podemos citar inúmeros exemplos desta interferência. O uso propagandístico do regime nazista ao abrigar as olimpíadas de 1936, os boicotes – fenômeno típico da Guerra Fria – durante o evento em Moscou, 1980 e Los Angeles, 1984. Isso sem falar de seu cancelamento em 1940 e 1944 devido à Segunda Grande Guerra Mundial.

Como observamos, as olimpíadas não é um fenômeno à parte, tal como um outro evento qualquer, ele sofre interferências de sua época. Sendo assim, para a estabelecer a relação dos elementos centrais deste artigo, destacaremos dois episódios: o sequestro de atletas israelenses

¹ Discente do 5º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

² Discente do 5º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

³ Discente do 5º período de Administração no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

⁴ Discente do 5º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

⁵ Discente do 7º período de Relações Internacionais no Instituto Nacional de Pós-Graduação.

durante os jogos olímpicos de Monique em 1972 e o atentado à bomba nas olimpíadas de Atlanta em 1996.

Os jogos olímpicos oferecem uma série de benefícios para os terroristas. O fluxo intenso de turistas, permitem uma cobertura perfeita para o transporte de artefatos, a aglomeração de pessoas nos pontos turísticos e até mesmos em outros eventos paralelos para entreter os fãs do evento, proporcionam a união entre um lugar simbólico - para os nacionais ou até mesmo reconhecidamente universal- e o número possível de vítimas que possivelmente terão as mais diversas origens, assim, amplificando o ataque. Porém, um elemento pode se transformar em um excelente potencializador dos efeitos de um ataque neste ambiente: a mídia.

A mídia é uma parte importante, aliás, necessária para o sucesso de um ataque, pois é através dela que o terrorista tem a chance de mudar o comportamento de seu alvo durante um longo tempo. Como veremos na sessão concernente à gestão do medo, o terrorismo tem como objetivo provocar reações a determinadas ameaças e ataques por terceiros. O medo não se limita a depender dos terroristas e do tamanho e da forma de seu uso da violência. Este objetivo só corrobora com a característica fundamental da ação terrorista que é ser diferenciado da violência comum por causa de seu caráter comunicativo.

Deste modo, a trajetória deste artigo será de analisar a relação entre as olimpíadas e o terrorismo, através da relação entre custo x benefício. Em primeiro lugar, destacaremos as duas situações em que o terrorismo e os jogos olímpicos se ligaram, para tanto partiremos da ideia de seleção de alvos para explicar como os jogos tornam-se tão atrativos para o terrorista. Em seguida, através do modelo formal, explicaremos como um ataque em um contexto igual a este pode ser empregado com armas portáteis de baixo custo, requerendo do terrorista somente encontrar um alvo. E por último, a partir de um padrão, podemos apontar o que poderá ser feito para impedir que uma tragédia desta ocorra.

1. Atentados olímpicos.

Com a finalidade de demonstrar que os jogos olímpicos atraem a atenção dos terroristas devido ao alinhamento de recursos favoráveis à certificação de seu sucesso, analisaremos dois eventos que demonstram a validade de nossa tese, Monique 1972 e Atlanta 1996.

No dia 5 de setembro de 1972, o mundo ficou chocado pela tragédia que deixou cerca de 17 mortos. O massacre de Munique foi um atentado terrorista realizado pela OLP (Organização para a Libertação da Palestina) durante as Olimpíadas na Alemanha Ocidental.

Um grupo de 8 terroristas treinados na Líbia e no Líbano identificados como fedayins (guerrilheiros nacionalistas palestinos), Luttif Afif, Yusuf Nazzal, Afif Ahmed Hamid, Khalid Jamal, Ahmed Chic Thaa, Mohammed Safady, Adnan Al-Gashey e Jamal Al-Gashey invadiram a vila olímpica facilmente. Isso ocorreu devido a fraca segurança durante os jogos. A Alemanha tinha um grande demônio que atormentava a todos, o terceiro Reich, que nos Jogos Olímpicos de 1936 mostrou uma Alemanha completamente militarizada e reerguida, ainda assombrava os alemães então o país não deu muita importância para a segurança, pois isso mostraria uma Alemanha menos militarizada e o fim de seu passado vergonhoso e escuro.

O ataque havia sido arquitetado pelos terroristas tempos antes. De acordo com testemunhas, dois dos terroristas já haviam trabalhado na vila olímpica, então tinham pleno

conhecimento do local o que facilitou o acesso às vítimas. Foram feitos reféns seis treinadores e cinco atletas, todos israelenses sendo que um dos atletas era um veterano da Guerra dos Seis Dias, conflito em que Israel travou com os países árabes⁶. Os terroristas exigiam a libertação de 234 presos palestinos em Israel e dois alemães, Andreas Baader e Ulrike Meinhof que faziam parte da Fração do Exército Vermelho (guerrilha alemã de extrema-esquerda).

Após várias negociações com a polícia alemã os terroristas mudaram suas exigências, pedindo dois helicópteros para transportar todos os reféns e um avião. Como afirmamos, a Alemanha estava despreparada para situações deste tipo portanto a sua polícia estava mal equipada contra os rifles AK-47, pistolas Tokarev e granadas dos terroristas, entretanto uma emboscada arquitetada pelo serviço de inteligência alemão, o que era totalmente arriscado. Assim que o líder do grupo Luttif Afif e Yusuf Nazzal foram inspecionar o avião, viram que não haviam tripulantes, isso gerou desconfiança. Quando saíram do avião, os terroristas foram alvejados pelos atiradores de elite. Entretanto, não ocorreu baixas entre os terroristas. Deste modo os mesmos retornaram para os helicópteros onde se encontravam os reféns e os executaram. Durante a troca de tiros cinco terroristas e um policial alemão morreram. Jamal Al-Gashey, Mohammed Safady e Adnan Al-Gashey decidiram se entregar. Diante do ocorrido houve a suspensão imediata dos jogos.

O atentado terrorista serviu como missão para que os países de forma geral melhorassem suas medidas anti-terror. Para a Alemanha, foi criada uma unidade contra terrorista, GSG 9, que futuramente se tornou um exemplo de combate contra o terrorismo e as demais nações passaram a estudar mais sobre esses incidentes com a finalidade de se prevenir que uma situação deste tipo não ocorra novamente. No entanto, dois meses depois terroristas palestinos sequestraram o voo 615 da Lufthansa. Os palestinos exigiram a libertação dos terroristas presos no Massacre de Munique e foram atendidos pelo governo alemão mesmo com pressão e desaprovação do governo israelita.

Após o evento que ganhou uma certa fama internacionalmente pois a Palestina estava sob comando de Israel, os terroristas retornaram para Líbia onde foram recebidos como heróis. Mas a fama pois a Mossad, o serviço secreto de Israel, na operação “Cólera de Deus” os perseguiram sendo que dois foram assassinados e o terceiro morreu em 2010 na capital da Síria, Damasco por complicações de saúde.

Como observamos, a história olímpica não ficara imune às transformações da sociedade. O que se viu na Alemanha, seria visto mais tarde em Atlanta, em 1996. Desta vez não teríamos o mesmo perfil. Em Atlanta não teríamos alguns fedayins e sim, um terrorista da direita radical, um “lobo solitário” contra o governo dos Estados Unidos.

Os Jogos do Centenário das Olimpíadas deveriam ter sido realizados em Atenas, na Grécia. No entanto, acabaram sendo cedidas a Atlanta. Dez dias antes do atentado, o boeing 747 do voo 800 da TWA explodiu na costa de Long Island deixando 230 mortos (sem

⁶ Foi um conflito que ocorreu entre Israel e os países árabes, Egito, Jordânia, Síria e Iraque. A causa da guerra originou-se durante uma conferência da Liga Árabe realizada no Cairo, em 1964, que debatia sobre o desvio de águas do rio Jordão (interesse geoestratégico que todos tinham em comum). Neste evento, Israel foi considerado uma ameaça pelos países árabes. Após a realização de um ataque preventivo realizado por forças israelenses ao Egito, sob a alegação que os egípcios estavam se preparando para um conflito. Deste modo, iniciou-se então a Guerra dos Seis Dias. Disponível em: <http://www.globalresearch.ca/history-of-the-june-1967-war-some-israeli-leaders-do-sometimes-tell-the-truth/5453660>. Acessado em 10 de maio de 2016.

sobreviventes)⁷. Sob o impacto do acidente, ainda sem conhecer as causas da tragédia e em meio às investigações, as autoridades trabalhavam com a hipótese de o temor de um atentado terrorista durante os jogos e isso, inquietava a Nação. Como resposta, o presidente da época, Bill Clinton, anunciou novas e estritas medidas de segurança nos aeroportos dos Estados Unidos em decorrência da queda do avião da TWA.

Entretanto, no dia 27 de julho de 1996, durante o show da banda Jack Mack and the Heart Attack explode uma bomba matando duas pessoas e ferindo 112⁸. Depois da meia-noite, Eric Robert Rudolph, colocou debaixo de um banco uma mochila verde contendo três bombas cercadas por pregos de três polegadas. Os pregos, que atuavam como projéteis causaram a maioria das lesões. As bombas tinham uma placa de aço que direcionava a explosão para o lado da população ali presente. No entanto, o segurança Richard Jewell descobriu a bomba momentos antes da explosão, ele informou a polícia e conseguiu retirar algumas pessoas do local.

Tal incidente gerou inúmeras críticas à segurança dos Jogos Olímpicos, que com 35 mil soldados e agentes do FBI não impediram tal atentado. O presidente norte americano Bill Clinton prometeu tomar todas as medidas necessárias para proteger os atletas e afirmou que os Jogos Olímpicos teriam continuidade conforme o planejamento para demonstrar que a nação não seria intimidada por atos de terrorismo. Três horas após a explosão, o Comitê Olímpico Internacional reagiu através de seu vice-presidente, o príncipe Alexandre de Merode, que garantiu a continuidade dos Jogos.

Em primeiro momento, o FBI suspeitou do guarda de segurança que havia disparado o alarme, Richard Jewell, mas, depois, afastou-o de qualquer suspeita. Dois anos mais tarde, Eric Robert Rudolph foi acusado da explosão após um casal do Tennessee tê-lo identificado como o homem para quem havia vendido pólvora sem fumaça, material empregado na fabricação do artifício.

Eric Rudolph passou anos como fugitivo do FBI, entrou na lista dos Dez Mais Procurados, até ser capturado em 2003. Em 2005, Rudolph se declarou culpado de várias acusações de homicídio federais e estaduais e aceitou cinco penas de prisão perpétua consecutiva em troca de evitar uma sentença de morte em potencial. Eric é um americano radical de extrema-direita cristão, que estava conectado com o movimento de supremacia branca da identidade cristã. Rudolph também serviu o exército americano e passou por um treinamento básico em Fort Benning, Georgia. Ele foi exonerado em janeiro de 1989, enquanto servia a 101ª Divisão Aerotransportada (101st Airborne Division), por uso de Maconha. Um ano antes, 1988, Eric frequentou a Escola de Assalto Aéreo (United States Army Air Assault School) e alcançou o posto de especialista/E-4. Eric Robert Rudolph afirmou que “o objetivo do ataque de 27 de

⁷De acordo com o site de notícias G1 (<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/07/investigadores-mantem-versao-de-acidente-no-voo-800-da-twa-em-1996.html>).

⁸ De acordo com o Global Terrorism Database (<https://www.start.umd.edu/gtd/>) o atentado matou apenas uma pessoa e feriu 110. Entretanto, Melih Uzunyol, presente no atentado, sofreu um ataque cardíaco e por isso não foi considerado no número de mortos. E o número de feridos varia entre 100 a 200, porém a média encontrada em jornais como Estadão e o The New York Times é de 112 feridos.

julho de 1996 foi para confundir e embaraçar o governo americano aos olhos do Mundo por sua sanção abominável do aborto”⁹.

Como podemos observar que ambos ataques têm como objetivo passar uma mensagem poderosa pois ele tem como objetivo provocar reações a determinadas ameaças a partir do ataque de terceiros, o medo a ser exacerbado pelo algoz tem o objetivo de provocar uma mudança no comportamento daquela sociedade através de sua transformação no sentido dogmático do raciocínio¹⁰. Como salientou Bruce Hoffman em *Inside Terrorism*, toda ação terrorista tem 6 componentes:

1. Violência;
2. Ideologia;
3. Impacto Psicológico;
4. Atores não-estatais;
5. Cadeia de comando ou célula;
6. Fora da lei e Convenções Internacionais.

Deste modo, podemos ver que ambos ataques tiveram estes seis itens presentes, sendo assim, fica claro que o terrorismo enxerga os jogos olímpicos como um instrumento ideal de propagação do medo. Entretanto, uma pergunta se impõe: quais são os mecanismos que o terrorismo analisa seus alvos potenciais?

Na terceira parte deste artigo, analisaremos as bases norteadoras da seleção de alvos e como proceder o ataque. Com o auxílio de um modelo matemático veremos que os atores do terrorismo perseguem seus objetivos face aos constrangimentos indicando uma racionalidade moldada através da relação custo x benefício.

2. A escolha de alvos: como a matemática pode ajudar.

Ciências atuariais, crédito imobiliário, fluxo financeiro nas bolsas de valores, todas estas ações têm um princípio em comum: a utilização de modelos matemáticos para nortear o seu comportamento ou seu desfecho. As ciências humanas não passariam ao largo deste instrumento. Com o auxílio da modelagem formal podemos estabelecer uma relação causal mais precisa e ao adicioná-lo com a abordagem qualitativa temos um modelo explicativo multifatorial e multidisciplinar, pressupostos científicos bastante utilizados na modernidade.

Modelos matemáticos formais são usados para estudar as mais diversas áreas, desde estratégia para um jogo de futebol à política internacional, em razão da matemática fornecer uma linguagem universal e precisa para descrever os elementos-chave de um problema. Uma

⁹ Um especialista pode gerenciar outros soldados alistados de classificação mais baixa. Um soldado pode ser promovido a esta posição depois de cumprir um mínimo de dois anos e assistir a uma aula de treinamento. Recrutados com um grau de quatro anos pode entrar treinamento de combate básico como um especialista. No caso de Eric R. Rudolph especialista/E-4 é considerado um especialista de Terceira Classe, ou seja, é o primeiro do rank de patentes especialista. (<http://www.goarmy.com/about/ranks-and-insignia/ranks.html>).

¹⁰ Como afirma Frank Furedi, em *Culture of Fear*, o terrorismo é definido da forma que a sociedade reage a ela. No Ocidente, o terrorismo é interpretado como fosse ameaças similares a catástrofes naturais, há um certo fatalismo e um exagero nesta percepção.

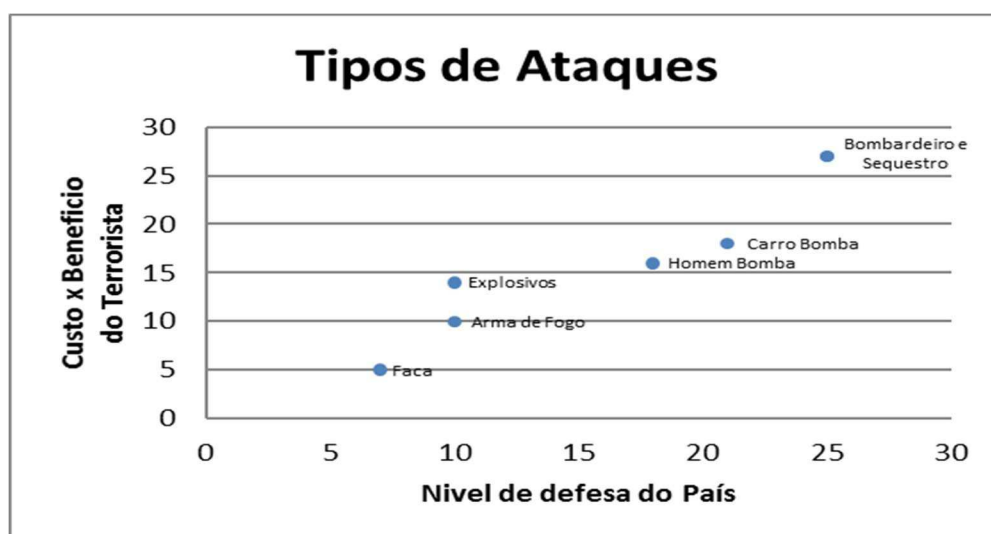
metodologia amplamente utilizada para descrever, através de matemática, um problema é a Teoria dos Jogos, sendo a mais conhecida o “Dilema do Prisioneiro”, onde é proposto a dois prisioneiros que confessem um crime, ou não, e de acordo com a escolha de ambos, terão uma pena maior ou menor: dois prisioneiros são interrogados em celas separadas. Se não confessarem o crime, ficam presos por 6 meses, se os dois testemunharem ficarão presos por 3 anos, e se um testemunhar e o outro não, quem é acusado fica preso por 10 anos e o outro é liberado. Neste caso, não se sabe qual será a escolha do outro “Jogador”, e por conta disso, os prisioneiros escolhem testemunhar um contra o outro, por achar que o outro também o fará, mesmo que a melhor alternativa seja não testemunhar e ficar preso por apenas 6 meses.

O combate ao terrorismo é, em suma, um jogo não-cooperativo, um jogo de informação imperfeita que cada jogador escolhe a sua estratégia sem saber a escolha do outro, como no dilema dos prisioneiros, as escolhas de ambos são dependentes.

Deste modo, como salientamos, ao utilizar o modelo matemático como forma para explicar a nossa tese, a alinhamos com a teoria racional, que observa os indivíduos ou a coletividade que buscam otimizar suas ações em um cenário de constrangimento que possam restringir suas ações¹¹.

Sendo assim, ao coletar os dados dos ataques terroristas recente dispostos no Global Terrorism Database, no Combating Terrorism Centre e Jamestown Foundation, observamos que a partir de 2014 o terrorismo tem optado por armas portáteis – facas ou armas de fogo - e a seleção de alvos não se dá mais em relação a simbologia, prédios governamentais ou centros financeiros, que tem o objetivo de mostrar a incapacidade do estado “inimigo” em questão de assegurar a integridade de seu povo ou suas instituições, e sim, aglomeração popular, o objetivo é ferir em grande quantidade.

Tendo como jogadores um Estado e um Grupo Terrorista, podemos criar uma matriz sendo a base “Y” de custo X benefício para os Terroristas e “X” o nível do sistema de defesa do País.



¹¹ "Transnational Terrorism: An Economic Analysis," in H.W. Richardson, P. Gordon, and J.E. Moore II (eds.), *The Economic Impact of Terrorist Attacks* (Elgar, 2005) pp. 11-34

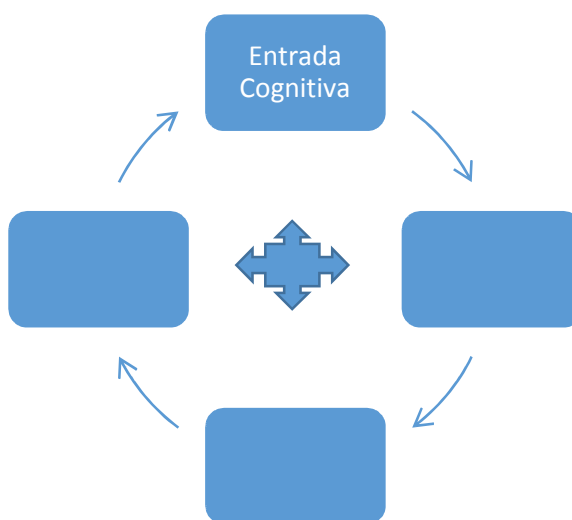
Neste quadro, Y é a soma dos seis estágios de um bom ataque terrorista (Recrutamento = 2, Seleção de Alvos = 3, Informações = 4, Material = 5, Logística = 6 e Treinamento = 7). E X é a expertise da defesa do país (Experiência = 3, Treinamento = 4, Gestão do Medo = 4, Equipe Especializada = 5, Inteligência Contra-Terror = 7)

Sendo assim, podemos observar que a partir da compilação e análise dos dados, o modus operandi escolhido é sensivelmente restringido pelas escolhas orientadas pela relação custo x benefício e que dentro deste aspecto, é possível determinar que medidas antiterror poderão ser tomadas visando aumentar esta razão. É neste sentido, que a próxima etapa deste estudo irá assentar-se.

3. Profiling, Gestão do Medo e Resiliência: como aumentar os custos de um ataque.

O terrorista necessariamente é indivíduo radicalizado antes de ser um soldado de sua causa. No processo de recrutamento realizado por organizações terroristas, não é preciso que os líderes formem indivíduos que sejam adeptos a sua ideologia, mas sim identificar uma predisposição ao radicalismo e a violência, através de uma abertura cognitiva. O objetivo do ataque terrorista é peremptoriamente um método para implantar sua forma de ver o mundo a todos.

Após a abertura cognitiva inspira-se um comportamento violento, para a defesa de uma determinada ideologia com a qual o indivíduo pode ter contato, no caso do Islamismo, por exemplo, através das Madraças. O processo de radicalização pode ser demonstrado através do ciclo abaixo, o qual podemos observar a relação de cada elemento com precisão.



1. Reclamação: Pode ser definida como “ há algo de errado no mundo”. Geralmente são princípios que vão em contra com o modo de vida do indivíduo em questão.
2. Abertura Cognitiva: O indivíduo é aberto ou vulnerável a sugestão ou persuasão. Não é necessário ser “mau”.

3. Ideologia: A disponibilidade de uma ideologia que deslegitime a ordem sociopolítica vigente e preserve sua transformação por meios violentos que constituem como uma condição indispensável para que um grupo ou movimento social pratique o terrorismo.
4. Mobilização: A transformação do mundo requer recursos sejam humanos, financeiros e bélicos. É neste item que a mídia tem um papel como instrumento capaz de atrair simpatizantes à causa.

Diante deste quadro quais ações os governos podem tomar? Que medidas contra terror têm efeito?

Para responder essas perguntas iniciaremos com a análise com a apresentação de um mecanismo eficaz e simples para identificar o terrorista: o *profiling*.

O instrumento do *profiling* é usualmente utilizado por agências governamentais contra terroristas com a finalidade de achar a “agulha no palheiro” em uma multidão ou em um aeroporto ou em alguma aglomeração.

A montagem deste padrão é realizada a partir da reunião de dados, índices sobre comportamentos individuais ou em grupos que apontem uma variável capaz de identificar um terrorista. Seja ela, física, étnica ou comportamento.

No entanto este tipo de instrumento, eficaz na maioria das vezes, é cercado de polêmicas baseadas na argumentação de que se trata de um método discriminatório, assim, contra a lei. Porém, o maior inimigo desta ferramenta reside em seu produto final. Se um *profiling* for montado de forma errônea, poderá gerar um falso negativo. Sendo assim, o terrorista poderá passar despercebido pelo sistema de segurança.

Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a questão do terrorismo ganhou holofotes. Gerando medidas, investigações e investimento para atenuar os eventuais ataques terroristas, ao exemplo do Centro Internacional de Luta Contra o Terrorismo em Haia na Holanda. Funcionando como um núcleo de pesquisas e de combate ao terrorismo, envolvendo temas como o radicalismo, os direitos humanos, a impunidade, o Estado de direito e a comunicação contra terrorista.

O Medo no terrorismo é propagado através da disseminação da ideia do terror, da ameaça e das possíveis mortes, que faz acarretar mudanças traumáticas nas pessoas. Abalando psicologicamente os indivíduos, gerando ansiedade, pânico e uma sensação de impotência diante dos atos de terror. Fazendo com que haja uma percepção negativa em relação a segurança num médio e longo prazo, resultando em consequências sociais e econômicas desgastantes. Desestabilizando e paralisando governos que diante das ameaças ou ato, tem de rever as suas políticas estratégias da eminência terrorista. Sendo que apesar do uso do medo para propagação do terror, o medo também serve como um instinto de sobrevivência através de medidas preventiva entre os indivíduos. Apesar disso, se o medo é maior que a ameaça real, as consequências podem ser desastrosas e indesejadas.

A questão do terror é a ideia do antes, durante e pós ato terrorista, que faz com que os hábitos de uma comunidade mudem, que o público modifique as suas atitudes num longo período de tempo. As sociedades tornam-se vulneráveis ao terror, abalando a emoção e a política local. Lembrar que o terrorismo muitas vezes serve para um grupo político hegemônico,

usar a plataforma a seu favor. Fazendo também com que aumente a polarização e os confrontos violentos de grupos, como ocorreu na Etiópia.

Grupos terroristas, atores individuais radicais ou até mesmo atores estatais objetivam provocar fortes reações, com as ameaças realizadas ou no próprio ataque. Direcionam na sociedade, como estes agem e respondem as ameaças e aos atos terroristas, visto que as sociedades ocidentais, representam o terrorismo similar a uma catástrofe natural.

Os atos extremistas, tem posições paradoxais, em que parte gera a impotência diante do terror, em outra parte destaca a força de recursos disponíveis para fazer frente a esta ameaça. Fazendo girar uma retroalimentação do terrorismo, ou seja, o Ocidente oferece aos terroristas mais vulnerabilidade. Uma vez que o pânico é instalado.

As células terroristas gostam de observar, a forma como se propaga o terror através do público, da classe governante e política, dos grupos de oposição e principalmente da mídia televisiva. Está última, que tem um papel importantíssimo para a informação em massa, espalhando notícias em tempo real, e tendo função fundamental para a percepção do público com as eminências do terror. Ao exemplo do que ocorreu após os ataques de 11/09, em que a mídia mostrava a religião muçulmana com estereótipos e preconceitos, fazendo vocacionar uma percepção negativa sobre aquele grupo.

Uma das formas de aumentar a resistência ou diminuir o pânico, poderia ser através de políticas da mídia junto ao governo. Amenizando assim, as sequelas terroristas. Uma recuperação física, e principalmente psicológica na comunidade, mais eficaz e menos dolorosa.

A resiliência é um conceito derivado da engenharia civil, psicologia e ecologia. Significa a capacidade material e psicológica de resistir ao stress e alterações num ato de terror.

A capacidade de recuperação é muito mais rápida do que em sociedade não resilientes, as pessoas tendem a lidar e a recuperarem-se de atos terroristas mais naturalmente e eficientemente. Os impactos não são tão profundos, resultando numa comunidade não vulnerável aos terroristas. Estes últimos não atingem os seus objetivos finais, portanto atenua-se a política do terror. É importante salientar que a psicologia está estreitamente ligada a uma comunidade resiliente, muito mais que as questões materiais. Destaca-se o papel da comunicação da mídia para aumentar a capacidade de resiliência de uma sociedade.

Vale ressaltar que a resiliência é a forma contrária do paradigma de vulnerabilidade de uma comunidade. Devemos sublinhar o papel do governo, respondendo corretamente um possível dano ou ameaça. Como divulgando a importância da coletividade da comunidade e outras informações e ações para a resistência ao terrorismo. Isto tudo antes, durante e após um ataque terrorista ou ameaça.

Os poderes de mídias podem funcionar não só como observadores das ações terroristas, mas como atores atuantes para tornar-se uma comunidade mais resiliente. Isto aliado aos objetivos do governo de minimizar os efeitos do terror, ao exemplo das estratégias de informar o público da importância de comunicar as autoridades, caso haja suspeitas terroristas. Assim resulta na dissuasão do derramamento de sangue. Ocorre que o ataque é estimado pela população.

Já numa agressão real, os grupos de mídia devem ser estimulados pelo governo, a fornecer conselhos básicos à comunidade, dentro de pouco tempo após um incidente. Não fornecer detalhamentos para o público, pois podem causar uma sensação de descontrole. Ao contrário, se as respostas do governo são adequadas, a eminência de reações exageradas é minimizada. Acarreta uma recuperação mais rápida e cria resistência entre a população.

Também é importante a transparência para que as pessoas se sintam seguras e confiantes, assim as chances de um evento terrorista, são fortemente diluídas. Minando o sucesso dos terroristas, já que para eles a importância do pânico é o foco fundamental do terror. Tudo isso deve estar arquitetado num planejamento governamental, pois envolve a estabilidade emocional e social da população, sendo que também é uma questão de segurança nacional. Deve haver uma preocupação e uma empatia para aqueles que sofreram um ato terrorista. Notasse que os que sofreram atos terroristas, perdendo entes familiares e amigos, encontram conforto emocional não em indenizações e retornos materiais, mas sim na lembrança e apoio pelas autoridades, família e pessoas próximas.

Aflora-se um sentimento coletivo na sociedade, que além do governo mostrar piedade, reconhece abertamente os traumas ocorridos. É partilhado a emoção entre as pessoas, fazendo reafirmar os próprios valores para lidar com eventos estressantes. É como se fosse um “carinho do governo”. Observa-se aqui a importância da coletividade e coordenação entre a sociedade, governo e mídia para criar resiliência. A comunicação adequada é a chave para desenvolver o sentimento coletivo e transparência nas informações. Faz diminuir as tensões, o medo exagerado e as pessoas deixam de ser apenas vítimas e espectadoras do extremismo.

O encaixe em várias frentes faz evitar os ataques terroristas, a comunicação adequada como já foi abordada, tanto aos métodos esclarecedores vindos das autoridades, como os vindos da população. Diminui as consequências psicológicas da sociedade, tanto que em níveis maior de stress constatou-se o aumento da ansiedade. Resultando no aumento do consumo de álcool e drogas. Com o planejamento as perdas sociais de longo prazo são drasticamente menores.

O enfrentamento contra o terrorismo como foi dito acima, diminui as ameaças potenciais, cria uma resistência entre a sociedade e possibilita a ideia de quebrar os objetivos dos terroristas de desestabilizar as estruturas de um país.

4. Considerações Finais.

A vinda dos jogos olímpicos ao Brasil nos trazem uma enorme empolgação por abrigar um dos maiores espetáculos da humanidade. Nos deixam orgulhosos por mostrar ao mundo a capacidade do país em organizar grandes eventos. A copa do mundo em 2014 mostrou o que historicamente já sabíamos desde a nossa formação como povo: as diferenças encontram um lugar de respeito e um ambiente amistoso.

Entretanto, este clima positivo deve ser mantido por ações preventivas que mantenham a integridade do evento. Trazer as olimpíadas implica ser capaz de normatizar e aprender uma realidade então muito distante da população: o fenômeno do terrorismo radical.

Descrito na obra seminal de David Rapoport “The four waves of modern terrorism” este modelo é caracterizado pelo autor como a “onda religiosa”. Com seu início em 1979 após a vitória da Revolução Islâmica no Irã, essa onda segue o padrão antes apresentado nesse artigo. Contudo, essa onda ainda está sendo objeto de pesquisa de muitos estudiosos, uma vez que suas peculiaridades vêm aumentando a cada tradição religiosa produzindo um novo tipo de terrorista.

Como salientamos ao longo do texto, partindo do pressuposto que o terrorista é guiado por uma racionalidade, a preferência apontada pelo modelo formal se confirma: a cada ataque, os terroristas têm uma predileção por armas portáteis e grandes aglomerações acompanhadas pela mídia tradicional ou até mesmo por celulares smartphones que gravam a ação e depois a vinculam na internet com a finalidade de trazer mais recursos em nome da causa¹².

Para impor mais custos, assim inviabilizando os ataques, as agências governamentais contra terrorista têm mecanismos que possam dispor para frustrar o ataque e até mesmo inviabilizar seus frutos em um possível pós-ataque. Deste modo, acreditamos que o sistema de inteligência do Brasil e suas forças de segurança, sejam capazes de guiar suas ações com os instrumentos adequados para tal intento.

5. Referências Bibliográficas.

ARCHETTI, Cristina. Terrorism, Communication and New Media: Explaining Radicalization in the Digital Age. *Perspectives on Terrorism*. Vol 9, n 01, 2015.

BAKKER, Edwin e GRAAF, Beatrice de. Towards a Theory of Fear Management in the Counterterrorism Domain: A Stocktaking Approach. 2014.

BEDMAR, Vicente Llorent. O islã e o sistema escolar no Marrocos pré-colonial. *Afro-Ásia* 45 (2012): 123-141.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopædia. Atlanta Olympic Games bombing of 1996. Disponível em: <http://global.britannica.com/event/Atlanta-Olympic-Games-bombing-of-1996>. Acesso em 15/05/2016.

CNN. Olympic Park Bombing Fast Facts. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/09/18/us/olympic-park-bombing-fast-facts/>. Acesso em 16/05/2016.

DOUGLAS, William. Terrorismo em Olimpíadas de Atlanta deixou dois mortos em 1996. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/radioagencianacional/materia/2012-07-26/terrorismo-em-olimp%C3%AAdadas-de-atlanta-deixou-dois-mortos-em-1996>. Acesso em 15/05/2016.

GLOBAL DATA RESEARCH. Six days war. Disponível em: <http://www.globalresearch.ca/history-of-the-june-1967-war-some-israeli-leaders-do-sometimes-tell-the-truth/5453660>. Acesso em 10 de maio de 2016.

HSU, H. Y; APEL, R. A Situational Model of Displacement and Diffusion Following the Introduction of Airport Metal Detectors. United State, 2014, 25 p.
H.W. Richardson, P. Gordon, and J.E. Moore II. Transnational Terrorism: An Economic Analysis, in (eds.), *The Economic Impact of Terrorist Attacks* (Elgar, 2005) pp. 11-34

¹² ARCHETTI, Cristina. Terrorism, Communication and New Media: Explaining Radicalization in the Digital Age. *Perspectives on Terrorism*. Vol 9, n 01, 2015.

ISRAEL, Ministry of Foreign Affairs. Wave of terror 2015. Disponível em: <http://mfa.gov.il/MFA/ForeignPolicy/Terrorism/Palestinian/Pages/Wave-of-terror-October-2015.aspx>. Acesso em 15/05/2016.

JOHNSTON, Wm. Robert. Selected terrorist attacks and related incidents worldwide, Part 3: 2011-2015. Disponível em: <http://www.johnstonsarchive.net/terrorism/wrjp255w3.html>. Acesso em: 19/05/2016.

JOHNSTON, Wm. Robert. Selected terrorist attacks and related incidents worldwide, Part 4: 2016-present. 2016. Disponível em: <http://www.johnstonsarchive.net/terrorism/wrjp255w4.html>. Acesso em: 19/05/2016

START, National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism: A Center of Excellence of the U.S. Department of Homeland Security University of Maryland. Global terrorism Database. Disponível em: <https://www.start.umd.edu/gtd/>. Acesso em: 12/05/2016

PRESSE, France. Investigadores mantêm versão de acidente no voo 800 da TWA em 1996. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/07/investigadores-mantem-versao-de-acidente-no-voo-800-da-twa-em-1996.html>. Acesso em 10/05/2016.

RAPOPORT, David C. The four Waves of Modern Terrorism. Disponível em: <http://international.ucla.edu/media/files/Rapoport-Four-Waves-of-Modern-Terrorism.pdf>.

SCHMID, Alex P. The Revised Academic Consensus Definition of Terrorism. Disponível em: <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/schmidterrorismdefinition/>. Acesso em: 24/04/2016.

SIMONSEN, Mario Henrique. Macroeconomia e teoria dos jogos. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/433/7535>. Acesso em: 20/05/2016.

SPRINZ, Detlef F. e WOLINSKY, Yae. Cases, Numbers, Models: International Relations Research Methods. 1º edição, 2002. pp. 242-370.

SPRINZAK, Ehud. Rational Fanatics. 2009. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2009/11/20/rationalfanatics/>. Acesso em: 18/05/2016.

_____. Terrorism in the United States 1996. Disponível em: https://www.fbi.gov/statservices/publications/terror_96.pdf. Acesso em 15/05/2016.

WEISMAN, Steven R. Atlanta Selected Over Athens for 1996 Olympics. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1990/09/19/sports/atlanta-selected-over-athens-for-1996-olympics.html>. Acesso em: 16/05/2016.